

Uma breve história do Brasil

A brief history of Brazil



Simulação dos animais gigantes da
megafauna da Serra da Capivara

*Replica of giant animals from the Serra da
Capivara megafauna.*

A brief history of Brazil

Antonio Fonseca dos Santos Neto¹

In this brief history, we approach the 500 centuries of the people in this country, for the last five hundred years named Brazil.

A problem emerges: what is the best way of telling, in brief words, such a long story? Asking is a good method. And taming the content, form, and the conjunctural tone of the answer. In the whirlwind of time that ties and unties everything, the present has the right to question the past. And the effort of replying, if ethical, when radical, and aware, will have to reread the past by connecting the core and the extremes of its phatic temporality with the elements that emanate from its episteme.

A) Why denying the history of native, millenary subjects in this country? Why so much hate against them? The denial of history of living beings is a way to keep on killing and canceling the senses of their experiences. Following on the footsteps and the aphoristic feeling of Walter Benjamin, based on Löwy (2005, p. 66), his speculative fortune, we should recall that "history is the object of a construction whose place is not the homogeneous and empty time, but a time saturated with "nows". We try to grasp the present, the claims of conjuncture, facing glimpses of the past.

In the backlands, of Piauí, multidisciplinary teams of scientists have proven the emergence of human presence. It is a factor of natural, landscape, anthropogenic nature that qualifies the historically configured organism.

¹ PhD in Public Policies (UFMA). Associate professor IV of the Department of History and the Graduate/Master's Program in Public Management – Federal University of Piauí.

Uma breve história do Brasil

Antonio Fonseca dos Santos Neto¹

Nesta breve história, consideramos os 500 séculos do povo deste País, nos últimos 500 anos designado de Brasil.

Um problema: qual o melhor jeito de contar de maneira breve uma história assim longa? Bom método é perguntar. E domar o conteúdo, a forma, e o tom conjuntural da resposta. No turbilhão do tempo que a tudo faz e desfaz, o presente tem o direito de interpelar o passado. E o labor de responder, se ético em sua radicalidade, e ciência, haverá de reler, conectando o núcleo e os extremos de sua temporalidade fática e os elementos que emanam de sua episteme.

A) Por que é negada a história dos sujeitos originários, multimilenares, deste País? Por que o ódio a eles? A negação da história dos viventes é uma forma de continuar matando e cancelando sentidos de sua experiência. Nas pegadas e na sensação aforística de Walter Benjamin, com base em Löwy (2005, p. 66), sua fortuna especulativa, recordemos que a “história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Tentemos apreender o presente, os reclames da conjuntura, ante vislumbres do passado.

No Sertão do Brasil, no Piauí, equipes multidisciplinares de cientistas vêm demonstrando a ocorrência da presença humana. É fator de ambiência natural, paisagística, antropogênica, que qualifica o organismo aqui configurado historicamente.

¹ Doutorado em Políticas Públicas (Universidade Federal do Maranhão - UFMA). Professor Associado IV do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Gestão Pública - Universidade Federal do Piauí (UFPI).

In the mountain range, from the face of rocks and underground pit and from the rough-looking, dug soil, comes the perception of covered layers of the model human experience of ancient peoples. On the solid face of walls carved by nature, mankind of those initial times communicates to the present its existence – pluriverse –, its science, its art. Desiring beauty and energy: even kissing was carved as vital.

Why digging up the rubble of ruined times? All that to see that history is the science of men in time “and not of men that write” (BORGES, 2004, p. 14). The denial of history in this country and of its ancient people will be the fruit of the historiographic damnations when watered by the humus of disputes between scribes and ideologists. Pero Vaz de Caminha left a testimony of his existence. And when in this brief history we widely use the word “country”, we rely on Amerigo Vespucci’s, *Mundus novus*, of 1503, to state that “if the terrestrial paradise exists somewhere on Earth, I believe it must not be far from these countries”, based on Ribeiro and Moreira Neto (1992, p. 19). We should remember it is “extremely legitimate to construct **another story** [that] comes before, during and after the colonization [and] envisions relationships between men, and not between men **and Indians**; that seeks understanding, not only of exploitation, which was real and degrading, but also of interactions, alliances and permissions” (BORGES, 2004, p. 14, emphasis added). Such remembrances have the duty of highlighting that was historically dramatic and real the arrival here, in 1500, of mariners eager for richness to hoard. And it should be stated that at least two meanings of the world – two fractions of mankind – touch each other here; they do not ultimately exclude one another, neither do they necessarily fraternize. They will fight for space in a paradise of possibilities;

B) And what about the utility of the white crossing from the Atlantic to this land? Any plot intended to attenuate reports that fantasize random facts and still wind has to be put aside, because they are the most serious manipulations interfering with the interpretation of this country. The ones crossing the Atlantic were a kingdom and its vassals, greedy for richness, power, control over others. Here, the terrestrial paradise was a feast: domain over the land is as solid as a rock and freezes the future in exclusion.

The ones coming from far away imposed their history as being the History. But, in spite of that, the past is an explosion of *nows* in the present: a dynamics of systematic exploration that sucks from the human body one’s vital energy and their very humanity. It forges the historical formation of this country, a world of stolen lives. And it gestates the national body, full of burdens, including displays of

Na serra, da face das pedras e em fossas no subsolo e do revolver o chão com aparência de bruto, eis a percepção de camadas encobertas da experiência humana exemplar de gente ancestral. Na sólida face dos paredões que a natureza talhou, a humanidade desses primeiros tempos comunica ao presente a sua existência – pluri-versalidade – sua ciência, sua arte. Beleza e energia desejantes, até desenharam que beijar é vital.

Para que revirar escombros de eras ruinosas? Tudo para ver que a história é a ciência dos homens no tempo “e não a dos homens que têm escrita” (BORGES, 2004, p. 14). A negação da história deste País e sua gente ancestral será obra das danças historiográficas, quando regadas no húmus das disputas de escribas e ideólogos. Pero Vaz de Caminha passou atestado de sua existência. E quando nesta breve história usamos largamente o vocábulo “país”, apoiamo-nos em Amerigo Vesputici, *Mundus novus*, de 1503, ao afirmar que “se o paraíso terreal existe em alguma parte da terra, creio que não deve ser longe destes países”, com base em Ribeiro e Moreira Neto (1992, p. 19). Relembre-se ser “extremamente legítima a construção de outra história [que] venha antes, durante e depois da colonização [e] vislumbre relações entre homens, e não entre homens e índios; que busque o entendimento não só da exploração, que foi real e degradante, mas também da interação, das alianças e das permissões” (BORGES, 2004, p. 14, grifo nosso). Tais recordações cumprem o dever de acentuar, ser historicamente dramática e real a chegada por aqui, em 1500, de mareantes sedentos de riquezas amalháveis. E logo se afirma que pelos menos dois sentidos de mundo – de duas frações da Humanidade – aqui se tocam, não cabalmente se excluem, não necessariamente fraternam. Disputarão o espaço de um éden de possibilidades;

B) E a utilidade da travessia atlântica branca a esta parte? Afaste-se logo qualquer enredo com intenção de atenuar relatos que fantasiem acasos e calmarias, pois é das mais graves manipulações a comprometer o interpretar este País. Quem atravessou o Atlântico foram um reino e os súditos dele, ávidos de riqueza, poder, dominação sobre outros. Aqui, o paraíso terreal foi o manjar: o domínio sobre a terra se assenta qual rocha e congela na exclusão o futuro.

Os de longe aqui impuseram sua história como sendo a História. Mas ao contrário, o passado é a explosão dos *agoras* no presente: uma dinâmica de exploração sistemática que suga, do corpo humano, a energia vital e a própria humanidade do sujeito. Forja a formação histórica deste País, um mundo de vidas roubadas. E gesta o corpo nacional, carregado de gravames, inclusive as manifestações de ódio,

hatred, seen nowadays, against native, black, and brown people in general. Experience teaches, based on the Copernican Revolution, that colonizing is mobilizing means to sail, invade and subjugate the economic place of others, of their culture; it is to make deals and engage in commercial exchanges in which, given the strength of the invading empire, one side alone will have full advantage.

Native peoples? They were the only ones that knew how to deal with the local, physical, and social means, for example. They knew how to go into the backlands. Although this population was extremely different from the invaders, the ones from abroad did not have any alternatives for settling on land without counting on them, either by negotiation, or by force, making them slaves. In order to understand the country nowadays we have to consider market implementation and structural connections with continental peoples in other regions of the globe;

C) Politics and business: what thoughts, what rules? Long arms of businesspeople, of bankers? Racism: the kidnapping of African blacks does not hurt human conscience? Who owns the land, the soil? Revolutions are seducing: why do they kill? The dynamics of businesses in the country creates the apparatus of politics, which is ordered, indeed, as thoughts and rules that are the long arms of these business and financing kings. Commodity people will be the tastiest condiment in the market of time: having people kidnapped in the kingdoms of African blacks is not repulsive for the white human conscience. After all, to the plantations belong the sweet food plowed on land and on the vital soil of the despoiled alterity. All in all, from the right/duty of insurgence, emerges the seduction of revolutions, which sprouts again and again. Here is the death of the seduced ones. Liberal enlightenment here is the master's freedom to the untouched right of having slaves.

Darcy Ribeiro and Moreira Neto conceive a summary-guide that fills any gap of foundation on colonization. They call attention and state that here "a nation is built against the will and interests of its original inhabitants" (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1999, p. 15). "A tragic history [...] essentially dreary in the everyday lives of the crowds, who work to produce what they cannot eat or use but what is required by their masters". (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1992, p. 16).

A bigger share of Latin nature. A late neo-romanity, washed in the blood of blacks and indigenous peoples, inspired by the wisdom of forest peoples. [...]. All of it deep inside the meanest poverty. Except for a thin domineering elite that can take from the waste of this poverty ostensible richness and alienated erudition. (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1992, p. 15).

Strong words. The authors add:

na atualidade, às pessoas dos originários, afros e pardos em geral. A experiência ensina, com vetor na revolução copernicana, que colonizar é mobilizar meios para navegar, *invadir* e submeter o lugar econômico de outrem, das lavras de sua cultura; é fazer tratos e trocas comerciais em que, à força do império invasor, uma parte só, leva toda vantagem.

Os originários? Somente eles sabiam manejar o meio local, físico e social, por exemplo. Adentrar ao Sertão. Embora essa população fosse tão diferente do invasor de seu país, os de fora não tinham alternativas de fixação na terra que não a incluísse, negociando, ou, pela força bruta, escravizando-lhe. Para se compreender o País atual é necessário ter presente a implantação mercantil e nexos estruturais com povos continentes noutras regiões do globo terrestre;

C) Política e negócios: quais pensares, que regras? Braços longos de empresários, de banqueiros? Racismo: o sequestro de afros negros não repudia a consciência humana? De quem a terra, o chão? Revoluções seduzem: por que matam? A dinâmica dos negócios no País de cá cria o aparato da política, ordenada, sim, em pensares e regras que são os braços longos desses reis empresários e financistas. A mercadoria-gente será o tempero mais apetitoso no mercado do tempo: gente sequestrada nas reinações de afros negros não causam a repulsa da consciência humana branca. Afinal, dos eitos são os doces comeres lavrados na terra e no solo vital da alteridade despojada. De tudo, do direito/dever da insurgência, eis a sedução das revoluções, este outro brotar e rebrotar. Eis a morte aos seduzidos delas. A iluminação liberal, aqui, é a liberdade do dono de ter intocável [seu] direito de ter escravos.

Darcy Ribeiro, e Moreira Neto elaboram uma orientação-síntese que repõe qualquer déficit de fundamentação sobre a implantação colonizadora. Chamam atenção e afirmam que aqui “se constrói uma nação contra a vontade e os interesses do povo que a habitava originalmente” (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1999, p. 15). “Uma história trágica [...] essencialmente lúgubre no dia a dia do povo multitudinário, que trabalha para produzir o que não come nem usa e sim o que é requerido dele por seus amos”. (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1992, p. 16).

Parcela maior da latinidade. Uma neo-romanidade tardia, lavada em sangues negros e índios, inspirada pela sabedoria dos povos da floresta. [...]. Toda ela afundada na mais vil pobreza. Exceto uma fina nata dominadora, que sabe tirar dos estrumes desta pobreza uma riqueza ostentatória e uma erudição alienada. (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1992, p. 15).

Palavras fortes. Acrescentam:

All that turns us into what Toynbee called external proletariat, thinking of Cartago, after beaten, and of Rome. Cartago never existed as itself again, it existed for Rome. Brazil never existed as itself, in search of prosperity and happiness for its people. It existed and exists to serve, to be servile and explored, to satisfy the world market [only] to make viable, within this international market, its economy of poverty that generates restricted patronizing prosperities. (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1992, p. 16).

Something relevant in the general theory of edification of modern peoples. The modernity which, in the division of global works, has given this country the destiny of a region of subtractions. In this very brief history, the guidance of Darcy Ribeiro becomes central, as it indicates the long lines, in a *continuum*, we should follow to understand the country of today, its experience.

Treaties and seals – such as the papal bull *Romanus* – are the legal source for the creation of hereditary captaincies in the centuries after 1500, and, as a consequence, the concession of *sesmarias* (plots of land) overseas. Captaincies and *sesmarias* that designed and would be the basis for the territorialization and organization of economic life and politics in favor of the circuit of exchange. They were mechanisms for putting in order the vast shore and instruments for the expansion of the colonizing enterprise into the country.

It is said that the donated captaincies (1534-35) have failed. Raymundo Faoro restates the truth:

The experience of donated lands have failed, when success is measured according to the patterns of administrative guides of the enterprise. [...]. Failure, from this perspective, was a reality. But there was only administrative lack of success because, from the economic and financial perspective, the conquest was very promising. (FAORO, 2001, p. 163).

It is a clarifying passage that restates the character of colonizing action and removes layers of fantasies about the settlement of bases, of mobilizers and modes of the Portuguese social construction in this country. The donated lands “failed as a political plan, aimed at the defense of an external enemy, greedy for the richness of Brazil, and at the control of gentile, in an endless revolt”, highlights (FAORO, 2001, p. 163). About the General government, created in 1549, Faoro (2001, p. 163) says that the “court imagined a system of authority delegation, at the cost of local agents, giving them real advantages in exchange for charges, applied to monopolies, income and tributes.” After 470 years, this macro body is now called presidency of the republic. Crossing the Brazilian social body, composing and recomposing commitments in a diversity of conjunctures, this organism that directs the mercantile colonization machinery is conserved entirely as the head of that original delegation.

Isso tudo faz de nós o que Toynbee chamou de proletariado externo, pensando em Cartago, depois de vencido, e em Roma. Cartago jamais voltou a existir para si, existiu para Roma. O Brasil nunca existiu para si próprio, na busca da prosperidade e da felicidade de seu povo. Existiu e existe é para servir, servir, e explorado, ao mercado mundial [tão-só] para viabilizar, dentro deste mercado internacional, sua economia da pobreza, geradora de prosperidades patronais restritas. (RIBEIRO; MOREIRA NETO, 1992, p. 16).

Algo relevante na teoria geral da edificação dos povos modernos. E diga-se modernidade que, na divisão de suas tarefas globais, deu a este País o destino de região das subtrações. Nesta brevíssima história, a orientação darcyana ganha centralidade, justo por apontar as linhas longas, em *continuum*, para se entender o País de hoje, sua experiência.

Tratados e chancelas – tal a bula papal *Romanus* – são a fonte jurídica da criação das capitanias hereditárias nos séculos seguintes a 1500, e por derivação delas, a concessão de sesmarias no além-mar. Capitanias e sesmarias que desenhavam e serão estruturantes da territorialização e organização da vida econômica e política em favor do circuito das trocas. São elas mecanismos de ordenação do vasto litoral e instrumentação das expansões da empresa colonizadora para dentro do País.

Diz-se que fracassaram as capitanias doadas, de 1534-35. Raymundo Faoro recoloca a verdade:

A experiência das donatárias malograra, se medido o êxito pelos padrões dos orientadores administrativos da empresa. [...]. O malogro, sob este ângulo, era uma realidade. Mas só houve malogro administrativo porque, sob o aspecto econômico e financeiro, a conquista prometia muito. (FAORO, 2001, p. 163).

Trata-se de passagem esclarecedora que repõe o caráter da ação colonizadora e remove camadas de fantasias sobre a fixação das bases, dos mobilizadores e modos do edifício social português neste País. As donatárias “fracassaram como plano político, orientado à defesa do inimigo externo, guloso das riquezas do Brasil, e ao controle do gentio, em revolta perpétua”, acentua (FAORO, 2001, p. 163). Do Governo Geral, criação de 1549, Faoro (2001, p. 163) afirma que “a corte imaginou um sistema de delegação de autoridade, à custa dos agentes locais, conferindo-lhes vantagens reais em troca de encargos, com a vista aplicada aos monopólios, rendas e tributos”. Transpostos 470 anos, esse macro órgão é agora chamado de presidência da república. Atravessando o corpo social brasileiro, nele compondo e recompondo os seus compromissos na diversidade de conjunturas, esse organismo dirigente do conjunto da máquina de colonização mercantil, conserva-se inteiro quanto titular daquela delegação original.

In Portuguese America, the government of 1549 settles the bases of the Portuguese State here in the tropics. And it presents it to the 19th century as a booming territoriality, with solid political centralization, with a contribution from the strategic administrative separation between Brazil and Maranhão, key for the Brazilian enlargement up along the Amazon valley. “Portuguese America”, which in 1815 became and was designated Kingdom of Brazil and later, Empire of Brazil. The advent of the latter, which suffocated and even killed those seduced by freedom and the republic, freezes slavery, monarchical continuity, and it strengthens *sesmaria* owners. The terms in the charter of Queen Mary I, of 1785, which prohibited manufacturing in the Portuguese America and is the primary cause of the non-industrialization of Brazil so far has also survived. Reestablishment of the colonial pact is now bicentennial. The agreements dating to that period, which have been kept unchanged, configure a tacit renouncement of Independence.

In the domestic context, the changes brought by this *decolonization* conjuncture do not imply significant modifications in the population’s living conditions. The provisioning of raw material for foreign handmade and, later, machine-made production has remained (on new terms) and the colonial policy of metropolises was developed for the sake of avoiding “manufacturing production by colonies”. Secondary to the central economy of European colonialism, internally predatory (stolen) from the structuring factors of colonial slavery, colonies lacked the conditions to articulate in a magnificent internal domestic market.

D) Republic: a dream of sufferers; insomnia for rulers? In our social formation: gallows and shooting; banishment; jail and exile are the destination imposed to Republic-lovers. If in the Hellenistic-latinized western Europe, the Republic is an aspiration acclaimed in the social life of a polis made free from the *domnus*, here, in the territory of extractions of primary richnesses, it will be, on the contrary, for the owners of lands and of bodies, a plague to be controlled, an herb to be nipped in the bud. From 1889 up to the present, regarding what really counts – the prevalence of Brazilian sovereignty – there has been no substantial change. It is worthy of notice that not even the political rearrangement, which marks the year 1930 with streets and rurality on the move – besides the crisis of 1929 –, was capable of internally promoting the favorable conditions for a fast advance.

Has the era of digital economy finally come? It has come and now collides with the solidity of the outdated mindset of Brazil. That is the present. Time never stops.

Na América portuguesa, o Governo de 1549 assenta as bases do Estado luso aqui no trópico. E diga-se que o entrega ao século XIX qual uma pujante territorialidade, com sólida obra de centralização política, para tanto concorrendo a estratégica separação administrativa entre Brasil e Maranhão, chave do alargamento brasileiro pelo vale amazônico acima. “América Portuguesa”, que em 1815 ganha forma e designação de Reino, do Brasil, e logo mais, 1822, de Império do Brasil. O advento deste, sufocando e até matando os seduzidos da liberdade e república, congela o escravismo, a continuidade monárquica, fortalece os sesmeiros. Também sobreviveram os termos do alvará da rainha Maria I, de 1785, proibitivo de manufaturas na América portuguesa, causa primária direta da não industrialização no Brasil até hoje. Repactuação colonial agora bicentenária. Os acordos desse período, até hoje inalterados, configuram uma tácita renúncia à Independência.

No plano interno, as mudanças trazidas por essa conjuntura de *descolonização* não implicam alteração substantiva nas condições de vida da sociedade. Permaneceu, repactado, o provisionamento de matérias-primas para a produção industrial *manu* e depois maquinofatureira externa [e nessa] linha desenvolveu-se a política colonial das metrópoles no sentido de impedir a “produção manufatureira nas colônias”. Secundária em relação à economia central do colonialismo europeu, internamente predatória (furtado) dos fatores estruturantes do colonial-escravismo, daí ausência de condições para articular-se aqui um pujante mercado interno;

D) República: sonho dos que sofrem; insônia dos que mandam? Na formação social daqui força e fuzilamento; degredo; cadeia e exílio são o destino imposto aos amantes da República. Se no Ocidente heleno-latinizado de Europa, a República é aspiração aclamada na vida social da pólis libertada de *domnus*, aqui, no território das extrações das riquezas primárias, ela será, no reverso, para os donos de terras e dos corpos, a praga a debelar, a erva a eliminar pela raiz. De 1889 até os dias do presente, no que realmente vale – a prevalência da soberania brasileira – não se verifica mudança substancial. Note-se que nem o rearranjo político, que marca o ano de 1930 com as ruas e as ruralidades se movendo por mudanças – além da crise de 1929 –, foi capaz de internamente desencadear as referidas condições favoráveis de nelas mais avançar.

Chegou a era da chamada economia digital? Chegou e colide, frontal, com a solidez do atraso mental no Brasil. Eis o presente. O tempo não para.

References

BORGES, Jóina Freitas. *A história negada: em busca de novos caminhos*. Teresina: Fundação de Apoio Cultural do Piauí - Fundapi, 2004. 133 p. (Grandes textos).

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2001. Available from: https://docs.google.com/file/d/0B-vWcDYCKP5sMjFhMWU3MmYtZWVjNC00Mjc4LTk2OWUtMDQ4M2VhYWJlOGY1/edit?resourcekey=0-ML3_H2WjM1yD0_XGKTi4cg. Cited: May 2023.

RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (org.). *A fundação do Brasil: testemunhos 1500-1700*. Petrópolis, RJ: 1992.

Translated by: Aline Milani Romeiro Pereira

Referências

BORGES, Jóina Freitas. *A história negada: em busca de novos caminhos*. Teresina: Fundação de Apoio Cultural do Piauí - Fundapi, 2004. 133 p. (Grandes textos).

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2001. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B-vWcDYCKP5sMjFhMWU3MmYtZWVjNC00Mjc4LTk2OWUtMDQ4M2VhYWJlOGY1/edit?resourcekey=0-ML3_H2WjM1yD0_XGKTi4cg. Acesso em: maio 2023.

RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (org.). *A fundação do Brasil: testemunhos 1500-1700*. Petrópolis, RJ: 1992.